

O PATRIARCADO E A PERFORMANCE HETERONORMATIVA NA MODA MASCULINA: UMA ANÁLISE DE CAMPO

RANGEL GOULART¹
JOZIMAR PELEGRINI²

Resumo: A estrutura social permite aos homens, na sociedade atual, limitarem-se a poucos modos de se vestir. Diante a relações sociais opressoras na forma em que homens podem se vestir, surgem diversas questões sobre o patriarcado e as opressões binárias de gênero. Dessa forma, esse trabalho acadêmico tem o propósito de apresentar a formação e dinâmica da estrutura do patriarcado perante ao vestuário masculino. O referido artigo utiliza entrevistas para análise de campo, embasado em teorias como a performatividade de gênero de Judith Butler e capacitações de autores como Mario Queiroz e Diana Crane.

Palavras-Chave: Moda masculina. Heteronormatividade. Performatividade de gênero.

1 INTRODUÇÃO

A moda masculina atualmente se apresenta, em sua maioria, de forma heteronormativa³. Ou seja, vestimo-nos através de padrões binários, com costumes desenvolvidos no decorrer da história que estão intrínsecos na sociedade através de uma estrutura geracional, patriarcal e machista⁴.

Diante de um padrão comportamental no modo de se vestir, geram-se variadas perguntas, tais como: Como a liberdade de expressão no vestuário do indivíduo masculino pode ser reestruturada socialmente? Qual a relação entre

¹ Graduando em Instituto de Santa Catarina (IFSC). Técnico em Comunicação Visual pela SATC. Técnico em Modelagem do Vestuário pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Nacional (SENAI). Araranguá, SC, Brasil. E-mail: rangel.goulartt@gmail.com

² Mestre pela Universidade do Sul de SC (UNISUL). Professor de ensino básico, técnico e tecnológico do Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC). Araranguá, SC, Brasil. E-mail: jozimar.pelegrini@ifsc.edu.br.

³ Refere-se à heteronormatividade, ao conceito de que apenas os relacionamentos entre pessoas de sexos opostos ou heterossexuais são normais ou corretos. (HETERONORMATIVO, 2022)

⁴ De acordo com Lerner (2019, p. 291): “Machismo define a ideologia da supremacia masculina, de superioridade masculina e de crenças que a apoiam e sustentam. Machismo e patriarcado se reforçam de forma mútua.”

gênero e sua performance heteronormativa com o vestuário masculino? Há exemplificações de um contexto opressivo? Com essas perguntas, entra em debate a relevância do formato social mais comum no gênero, a binariedade. De acordo com Pelegrini (2015, p.49):

Cabe ressaltar que esse sistema de definição enrijecida e estabelecida pelas estruturas de gênero não é muito diferente do que acontece com a moda, pois há uma ordem ou uma origem a ser seguida, uma questão de cultura que impõe o que é certo e o que é errado para determinados sexos. Subverter essa ordem é o mesmo que fugir do ritmo ideal idealizado por uma sociedade patriarcal.

Mediante a preocupação sobre o comportamento do indivíduo masculino, cisgênero, heterossexual e sua vestimenta, ressurte a análise da necessidade de representatividade através da moda. Tal execução aplica-se nesse estudo em direção à figura masculina e sua construção patriarcal. Diante de tal consciência, a explicação na formação social e a necessidade de apresentar alguns fatores da construção patriarcal que já se apresentam com caráter ultrapassados.

Através da pesquisa, o artigo objetiva identificar aspectos do patriarcado e a influência heteronormativa na moda masculina através de pontos como: pontuar as propriedades da estrutura opressora na moda masculina mantida pelo patriarcado, conectar a performance de gênero e suas influências no sistema binário e analisar os depoimentos dados pelas entrevistas deste artigo. A referência desse artigo busca atuar diante da caracterização do indivíduo e sua performance, ligada ao gênero e reflexo da orientação sexual frente a uma sociedade parcialmente alienada. Perante a filosofia de gênero, psicologia aplicada e até alguns fatores históricos que aderem a uma estrutura binária no vestuário, permite-se um olhar mais amplo e explicativo para as variações da formação estética e as opiniões diante a moda.

Com o referencial na filosofia de Judith Butler e seu conceito de performance de gênero, junto a Mario Queiroz e sua análise do herói retratado historicamente até os dias atuais, influenciando na construção social do homem, é permitida uma pesquisa sobre as percepções da construção patriarcal sobre a figura masculina. Diante dessa base bibliográfica, o desenvolvimento do artigo se dará por intermédio de alguns fatores que atribuem atualmente as influências da masculinidade. Dito isso, percebe-se a falta de liberdade nos comportamentos do indivíduo masculino perante ao padrão sócio-cultural.

2 METODOLOGIA

Através do estudo sobre a construção social da estrutura binária com relação à moda masculina, junto à apresentação de performatividade, desenvolve-se a pesquisa de forma qualitativa teórica. Segundo Denzin e Lincoln (2011, apud CRESWELL, 2014, p.49):

Pesquisa qualitativa é uma atividade situada que localiza o observador no mundo. A pesquisa qualitativa consiste em um conjunto de práticas materiais interpretativas que tornam o mundo visível, essas práticas transformam o mundo. Elas transformam o mundo em uma série de representações, incluindo notas de campo, entrevistas, conversas, fotografias, registros e lembretes para a pessoa. Nesse nível, a pesquisa qualitativa envolve uma abordagem interpretativa e naturalística do mundo. Isso significa que os pesquisadores qualitativos estudam coisas dentro dos seus contextos naturais, tentando entender, ou interpretar, os fenômenos em termos dos significados que as pessoas lhes atribuem.

Com formação em pesquisa etnográfica, há a aplicação de entrevistas roteirizadas com homens héteros. No que tange a idade dos entrevistados, adequa-se a essa pesquisa, as opiniões e informações entre jovem-adulto a adulto, identificando-se como geração Y e Z, pois assim, há a possibilidade de entender a geração que já possui um conhecimento previamente adquirido e está disposta a novas ideias e adaptações em suas convicções. Porfírio (2022) cita:

A geração Y é a que surge numa crescente da gama de conexão [...] Também chamados de millennials (por terem nascido próximo da virada do milênio), essa geração, que se encontra numa faixa etária entre 20 e 35 anos de idade, representa uma completa revolução em relação às gerações passadas.

De acordo com Harris (1968, apud CRESWELL, 2014, p. 82): “A etnografia é um projeto qualitativo em que o pesquisador descreve e interpreta os padrões compartilhados e aprendidos de valores, comportamentos, crenças e linguagem de um grupo que compartilha uma cultura”.

As entrevistas foram aplicadas de forma online, através de chamadas gravadas para a transcrição e análise deste artigo. O roteiro das entrevistas, escrito pelo autor do artigo disposto, apresenta sete questões que manifestam temas desde influências sociais na moda masculina a situações heteronormativas experienciadas pelos entrevistados dessa pesquisa. Tal documento, que se encontra anexado a esse artigo, desenvolve as perguntas a fim de compreender a vivência e a relação

do indivíduo entrevistado com o problema da pesquisa: a opressão heteronormativa no comportamento social sobre a moda masculina.

3 A CONSTRUÇÃO SOCIAL DO PATRIARCADO E A SUA INFLUÊNCIA NA CONCEPÇÃO DA MODA MASCULINA

O patriarcado promove ao homem poderes sobre a desigualdade de gênero, atribuindo-o direitos e deveres beneficentes somente ao sexo masculino. De acordo com Lerner (2019, p. 290) o patriarcado significa: “a manifestação e institucionalização da dominância masculina sobre as mulheres e crianças na família e extensão da dominância masculina sobre as mulheres na sociedade em geral”. Com tal concepção, desdobra-se através da sociedade conservadora e heteronormativa, desigualdades entre gêneros, incluindo o vestuário de seus respectivos usuários.

A moda e o homem heteronormativo conservam uma relação desequilibrada por fatores sociais externos. Tal desequilíbrio apresenta falta de liberdade para explorar texturas, volumes, comprimentos, cores, estampas, entre outros aspectos da vestimenta do vestuário masculino. Apesar da vestimenta ser algo característico e de certa forma individual, seu impacto afirma-se em âmbito social. Pode-se dizer que o vestuário é a comunicação de individualidade do homem, como as pessoas o veem, suas atividades e como ele se relaciona com a sociedade (GOMES et al. 2013).

Perante a uma visão turva sobre expressão, o guarda-roupa masculino apresenta formas menos enriquecidas de detalhes e mudanças do que o vestuário feminino, assim, atribuindo a uma parcela da sociedade, uma carência pela insuficiência estética. Segundo Queiroz (2010, p. 36): “As roupas do homem do início do século passado até hoje pouco se transformaram, são repetições de materiais, volumes, e comprimentos e as peças são sempre camisas e camisetas, calças, jaquetas e paletós”. Dito isso, percebe-se um padrão pouco variado entre gerações quanto às peças masculinas, há sempre um estreitamento de volume e/ou alongamento de uma ou outra manga, porém as diferenças são lentas e sem impactos estéticos suficientes.

A individualidade caracteriza-se por escolhas, porém são escolhas influenciadas pela sociedade, principalmente em sua criação. Assim, representa

Crane (2006, p.339): “[...] o significado do vestuário é percebido de várias formas por categorias diferentes de homens, alguns dos quais simplesmente consomem roupas, enquanto outros tanto as consomem como criam estilos de vestuário”. Com foco nas escolhas individuais que compõem um homem, relaciona-se a desvalorização de suas escolhas perante a moda. Afinal, a moda não representa mais do que a vaidade e sensibilidade estética, atributos que historicamente foram dados às mulheres pelos homens durante o patriarcado. De acordo com Sena e Castilho (2011, p.46): “A Moda é um dispositivo social, portanto o comportamento orientado por ela é fenômeno do comportamento humano generalizado e está presente na sua interação com o mundo”. No entanto, a moda pós-revolução industrial obteve pouca notoriedade no universo masculino. A construção da importância com o vestuário criou relações com o universo feminino, afinal esse interpõe-se também na capacidade da luxúria e atratividade, aspectos ligados à feminilidade e sensibilidade. Crane (2006) afirma que a virtude de construir uma identidade através da moda para homens é dada por poucos, pois tal interesse é interpretado de forma afeminada. Já Morin (2005, apud QUEIROZ, 2010, p.27) cita:

O *imprinting*⁵ cultural determina a desatenção seletiva, que nos faz desconsiderar tudo aquilo que não concorde com as nossas crenças, e o recalque eliminatório, que nos faz recusar toda informação inadequada às nossas convicções, ou toda objeção vinda de fonte considerada má.

Relacionado ao *Imprinting*, é de reconhecimento a base que cria o limite dos interesses de um indivíduo, tal base é formada pela influência social dos criadores e suas conexões durante a criação, que, por consequência, formam o homem e lhe passam seus valores, fazendo, assim, uma estrutura geracional⁶. Dito isso, os aspectos esperados de um ser masculino regem seus deveres, os quais são impostos pela sociedade patriarcal. De acordo com Crane (2006), a falta de liberdade de qualquer ação manifestante da identidade heteronormativa masculina é um segmento de regras que regem a masculinidade.

Vários padrões estéticos podem ser identificados no vestuário do homem influenciado pela sociedade com ideais patriarcais. Segundo Caldas (1997, apud

⁵ Termo de Konrad Lorenz, aplicado por Morin e citado por Morin (2005, apud QUEIROZ, 2010, p.27): “Há um *imprinting* cultural que marca os humanos, desde o nascimento, com o selo de cultura, primeiro familiar e depois escolar, prosseguindo na universidade ou na profissão.”

⁶ Valores sócio-culturais que são transmitidos por indivíduos através das gerações no decorrer da história.

SENA; CASTILHO, 2011, p.49), citam que o homem herda da sociedade patriarcal deveres os quais o impossibilitam de fraquejar, apresentar sensibilidade, prover à família sem os aproximar sentimentalmente dos filhos e manifestar poder, incluindo sustento e liderança política. Assim, perante esse contexto histórico-social, a figura masculina deve possuir papéis a seguir, de tal forma, que conserve um padrão potente e capacite ao homem poder total e absoluto no governo familiar, comunitário e estatal. Na criação, enquanto criança e adolescente, sua formação individual e com âmbito característico mais importante, segue-se uma infinidade de normas para que o padrão não seja quebrado, e, portanto, o modelo social seja intrínseco e estratégico. Segundo Queiroz (2010, p. 33): “O esforço de um adolescente em impostar a voz, erguer o peito e andar de maneira mais pesada, pode ser entendido como aquilo que o faz ser um “homem de verdade” [...]”. E ainda afirma: “Principalmente para os adolescentes, os “heróis”⁷ serão seus mestres, e seus próprios colegas o ajudarão a manter essa postura “máscula” e caso ele se esqueça ou relaxe, eles o criticarão e o farão retomar a pose do macho” (QUEIROZ, 2010, p.33).

Conforme Butler (2017), a descrição das ações que compõem um homem ou uma mulher é de caráter performático, ou seja, são ações que determinam o gênero. A performance vem de questões familiares citadas anteriormente, as quais se comportam de forma estrutural, um comportamento desenvolvido através de gerações. Todavia, são notórias as ações de gênero e como isso o autoconstrói.

4 PERFORMANCE HETERONORMATIVA NA MODA

Como já dito anteriormente, há evidências claras da estrutura social sobre a vestimenta masculina na sociedade atual, pois é perceptível um padrão de notoriedade no comportamento heteronormativo. Salih (2013, p. 68) afirma: “Um modo muito mais efetivo de contestar o *status quo*⁸ consiste em *deslocar* categorias tais como ‘homem’, ‘mulher’, ‘macho’ e ‘fêmea’, revelando como elas são discursivamente construídas no interior de uma matriz heterossexual de poder”.

O gênero é uma performance, um conjunto de ações. A identificação não prende o indivíduo ao gênero, portanto o tempo permite a transformação constante.

⁷ Termo utilizado por Queiroz (2010) para elementos influenciadores da masculinidade, com origem desde os semideuses gregos.

⁸ Condição que permanece antes de qualquer alteração [...] (STATUS QUO, 2022)

Dessa forma, cria-se o conceito de que gêneros são infinitos/múltiplos e representam as mais diversificadas expressões, o contraditório de binaridade. A estrutura binária apresenta formas de autossuficiência, pois são introduzidas em nossas vidas desde o primeiro contato com a sociedade.

A ação do gênero requer uma performance repetida. Essa repetição é a um só tempo reencenação e nova experiência de um conjunto de significados já estabelecidos socialmente; e também é a forma mundana e ritualizada de sua legitimação, [...] essas ações têm dimensões temporais e coletivas, e seu caráter público não deixa de ter consequências; na verdade, a performance é realizada com o objetivo estratégico de manter o gênero em sua estrutura binária. (BUTLER, 2017, p. 200).

As ações de um indivíduo, no decorrer da repetição, formam o caráter público, ou seja, vários indivíduos com as mesmas ações que irão determinar um gênero estruturado na sociedade, assim, interferindo na diversidade. Segundo Reis (2014, p. 36):

Uma vez evidenciado que o sexo não corresponde à natureza e que o gênero, de igual modo, não corresponde à cultura, fica claro, mais uma vez, a importância da proposta de Butler sobre a necessidade de pôr fim às divisões de gênero, que só excluem os sujeitos, alterando, para tanto, a política e a representação.

A influência binária utiliza vários meios para aplicar sua estrutura, e uma das mais notórias é a moda. As escolhas do vestir são simbólicas, resultantes de regras sociais, as quais referem a uma liberdade limitada para a heteronormatividade. O simbolismo está associado à representação no vestuário, pois cada peça permite a relação entre visual e significado (PASSOS e PELEGRINI, 2019). Introduzindo a semiótica, Zambrini (2016, p.55) afirma: “As roupas têm cargas simbólicas e representações de gênero construídas historicamente e se referem a um conjunto de crenças sobre o feminino e o masculino”.

Seguindo a concepção na qual o homem possui deveres que são os dados pela sociedade, o indivíduo deve buscá-los para afirmar sua sexualidade, afinal, para muitos a performance de gênero e sexualidade são de mesma natureza. A maior representação disso é a figura idolatrada do homem perfeito, o herói. Talvez por se achar vencedor, o homem está sempre com medo do fracasso, de forma que não consiga lidar com o sentimento de inferioridade. Dito isso, busca imagens representativas do herói para alimentar a frustração de suas vidas (QUEIROZ,

2010). Com ações performáticas em grande quantidade, é excedida uma linha de toxicidade ao indivíduo, pois sente-se obrigado a segui-las para estar acolhido pela sociedade.

Devido ao sistema apresentar limites e regras visuais a comportamentos referentes ao se vestir, a análise do ensino heteronormativo do patriarcado a homens é de suma importância. A apresentação dos dados sugere a atuação da performance, a criação do indivíduo em meio de um sistema bem estruturado, permitindo o questionamento do quão intrinsecamente essa estrutura atua em suas vidas.

5 ENTREVISTAS E ANÁLISE

Após o estudo da estrutura heteronormativa e a moda masculina, surge a necessidade de questionamento qualitativo para as mesmas. Perguntas como: Quão intrínseca é a estrutura patriarcal e heteronormativa na vida do homem contemporâneo? Quais são suas influências sociais dentro da moda? A opressão social realmente é um obstáculo preocupante em suas vidas?

Por meio da análise criada pelo autor deste artigo, há o carecimento de algumas respostas por meio de uma pesquisa etnográfica. Desse modo, a aplicação ocorreu a dez homens que se denominam como héteros, situados no Sul de Santa Catarina, com idade entre vinte a trinta e seis anos de idade.

De forma introdutória e expansionista na reflexão da importância da vestimenta para o entrevistado, iniciou-se o roteiro afirmando a mudança no vestuário masculino seguindo de uma questão com tamanha importância: “A moda masculina tem se tornado cada vez mais presente em seu cotidiano. O indivíduo masculino, atualmente, sente-se mais ligado a tendências. No entanto, relacionada a esse pensamento, surge uma discussão importante. Por que você se veste dessa forma?”. Assim, surge o pensamento autoanalítico sobre por que vestimos o que vestimos e qual a origem desse comportamento heteronormativo.

Com maior curiosidade, a aplicação do universo feminino ao masculino, discute-se a identidade das respectivas peças de cada gênero, de acordo com a binariedade. Segundo Zambrini (2016, p. 58): “Até agora, temos peças de vestuário, como saia e gravata, ou cores, como rosa e azul. No imaginário coletivo, esses itens estão associados ao feminino e ao masculino de forma binária e exclusiva”.

Cabe ressaltar a notoriedade a uma questão aplicada, na qual induz o leitor a refletir sobre suas permissões: “A utilização de modelagens femininas no vestuário masculino de forma leve como a imagem abaixo poderia estar no seu vestuário?”



Imagem 1: *Street Style: The Best Dressed Men at New York Fashion Week: Men's Spring 2017*

Sendo ressaltada a resposta majoritária de que não poderia estar no vestuário masculino. Cria-se o porquê de tal resposta. Em suma maioria, foi destacado a falta de conforto, porém, relacionado à opressão social. Mesmo o *look* da imagem apresentando aspectos minimalistas tanto em cor, quanto formato, os entrevistados que responderam ficaram preocupados com o seu meio social e como seriam afetados por utilizar uma peça tradicionalmente feminina na sua cultura, representando assim, um pensamento misógino no qual o meio social masculino repreende outros homens a utilizarem peças femininas por julgar as mulheres como inferiores.

Entendemos a moda como um sistema que constitui subjetividades a partir das relações de aparência. Porém, essas construções subjetivas da Moda na contemporaneidade, se dão de forma coletiva, precisam da interação e do olhar do outro para se constituírem e fazem parte do contexto cultural a que estão inseridas. (SENA; CASTILHO, 2011, p. 46).

Seguindo o roteiro das entrevistas, a questão seguinte foi dialogada em torno do preconceito estético. No entanto, em análise, notaram-se respingos ao tema da orientação sexual e como está ligada a roupa “afeminada” com o homossexual. A questão surgiu de forma curiosa quando houve a reação de intimidação dos entrevistados com um homem utilizando peças, que, pela visão social do comum, pertenceriam ao universo feminino. Exemplo abaixo:



Imagem 2: Harry Styles para Vogue Magazine de dezembro de 2020. Foto de Tyler Mitch.

O pesquisador e autor deste artigo, analisou uma unanimidade quanto às respostas da questão citada anteriormente. Todos os entrevistados negaram se

sentir incomodados, dando a entender um ato falho em suas respostas. Talvez impulsionados pelo medo de expor um pensamento de raiz preconceituosa. De acordo com Lopes (2022):

Ato falho é um equívoco na fala, na memória, em uma atuação física, provocada hipoteticamente pelo inconsciente, isto é, através do ato falho o desejo do inconsciente é realizado. Isto explica o fato de que nenhum gesto, pensamento ou palavra acontece acidentalmente. Os atos falhos são diferentes do erro comum, pois este é resultado da ignorância ou conveniência.

Durante a entrevista, surgiu a preocupação referente à negação na resposta referida anteriormente. No entanto, mesmo mediante ao fato de a resposta possuir um teor tendencioso, esta dispõe de legitimidade em suas entrelinhas.

No processo da entrevista, houve o questionamento sobre a limitação de materiais, cortes e estéticas referentes à moda masculina. De certa forma, houve um equilíbrio razoável entre as respostas, nas quais, por análise opinativa, os homens mais vaidosos afirmaram a carência sobre a limitação. Já os homens que negaram sentir falta de diversidade no seu vestuário completaram de forma majoritária que possuíam um estilo minimalista, o qual já os agradava. Lipovetsky (2020, p.153) afirma: “É verdade que ao apresentar um look sóbrio, atemporal, por vezes austero ou mesmo ‘monacal’, o estilo minimalista pode ser percebido com uma recusa ostensiva do desejo de agradar”. Afirmando que o minimalismo sugere, a grosso modo, uma busca por conforto ergonômico, excluindo a necessidade de ser visualmente agradável.

Ao final do roteiro, desperta-se maior curiosidade, pois a última questão torna-se a mais concludente: Quando criança, você possui memórias dos seus pais ou criadores referindo-se a algumas peças e gestos não serem bem vistos? Algo que você não via maldade e ainda sim te instruíram a um pensamento de porte preconceituoso? Logo em seguida, para todos os questionados, houve uma exemplificação pessoal do autor desse artigo sobre opressão patriarcal na infância. A maioria dos homens que conversaram nesta entrevista afirmaram terem esta experiência indesejada em suas respectivas criações. Com devida importância, informaram, de modo geral, a proibição de utilizarem roupas na cor rosa durante sua criação, todavia, houve algumas situações notórias, que serão desdobradas a seguir.

Relacionando a heteronormatividade, um dos entrevistados citou uma situação sobre sua infância, na qual, o mesmo não poderia exibir sinais de admiração estética por outro homem, pois, segundo o mesmo, está ação não era bem vista pelo seu pai. Assim, surge a reflexão sobre os meios em que o próprio machismo age, e como ele poda a formação liberta de uma criança. Já outro entrevistado, revelou que em sua criação foi proibido de brincar com seus familiares de sexo feminino, pois de acordo com seus pais poderia ser afetado pela feminilidade das mesmas ao brincar de boneca. De acordo com Sena e Castilho (2011, p. 51):

Salienta, que na cultura brasileira, vemos frequentemente o uso da virilidade: na violência conjugal, homofobia, brigas de torcida. Contudo, devemos perceber também, que não só os (as) homossexuais e as mulheres são vítimas do machismo, mas os próprios homens se tornam prisioneiros dessas representações e valores.

Referente às entrevistas, é notória a estrutura social oprimindo os participantes. A opressão nutrida por ações da heteronormatividade perpetua e ecoa dentro da própria comunidade, suprimindo os participantes, assim como a sociedade, em não conseguirem se soltar das amarras da opressão social.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A percepção de que há evolução no comportamento heteronormativo quanto a moda é real, entretanto, esta se faz de forma lenta e dolorosa. A globalização tem agido em prol da liberdade de expressão, assim como algumas refutações do sistema machista em que a sociedade se encontra. Devido a vários movimentos a favor da igualdade, nota-se um padrão crescente quanto à quebra do conservadorismo. Em concordância com Sena e Castilho (2011, p. 50), há possibilidade de, conforme a interação global, estarmos presenciando, atualmente, a criação de novos modelos de masculinidade. Bem como há mudança presente no predomínio do estabelecimento de novas formas de expressões de sexualidade, conforme a expansão do feminismo mundial.

De certo modo, a figura masculina está em desprendimento de valores de uma estrutura conservadora e misógina, soltando-se de amarras históricas vindas de um sistema machista e tóxico, principalmente por meio familiar, na criação, como

pesquisado anteriormente. Todavia, é evidente que estamos longe da desconstrução binária. Apela-se ao sistema uma permissão à binariedade para a utilização da individualidade.

Conforme os resultados da análise aplicada, afirma-se verdade na problemática apresentada neste artigo. Contudo, apesar de afetar a todos, não incomoda uma parcela da sociedade. Tal afirmação traz enfraquecimento ao movimento de liberdade de expressão, pois identifica-se a sensação de invisibilidade a uma problemática que se refere a uma construção tóxica e supressora. Portanto, possibilitando a perpetuação dessa estrutura patriarcal, continuando a limitar a liberdade expressiva da figura do homem por meio do vestuário.

Este artigo introduz um aprofundamento da pesquisa, analisando indícios de um contexto opressor social presente em nossa sociedade. Com relação à pesquisa comportamental binária dentro da moda masculina, surge a necessidade de uma maior complexidade podendo detalhar em uma escrita mais pontual e aprofundada.

THE STRUCTURE OF THE PATRIARCHY AND HETERONORMATIVE PERFORMANCE IN MEN'S FASHION: A FIELD ANALYSIS

Abstract: The social structure allows men, in today's society, to limit themselves only to a few specific ways to dress. Faced with this problem, there are several questions about patriarchy and binary gender oppression. In this perspective, this work has as a model the purpose of presenting the formation and dynamics of the structure of patriarchy in relation to men's clothing. This article uses field interviews based on analyzes such as Judith Butler's gender performance and training, of authors such as Mario Queiroz and Diana Crane.

Keywords: Men's fashion. Heteronormativity. Gender performativity.

REFERÊNCIAS

- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. 15. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017. 287 p. (Coleção sujeito e história). ISBN 9788520006115.
- CRANE, Diana. **A moda e seu papel social: classe, gênero e identidade das roupas**. Tradução de Cristiana Coimbra. São Paulo: Senac São Paulo, 2006. 499 p., il. ISBN 8573594845.
- CRESWELL, John W. **Investigação qualitativa e projeto de pesquisa: escolhendo entre cinco abordagens**. Tradução de Sandra Maria Mallmann da Rosa. 3. ed. Porto Alegre: Penso, 2014. 341 p., il. (Métodos de pesquisa). Bibliografia: p. [315]-326. ISBN 9788565848886.
- GOLDENBERG, Mirian (org.). **O corpo como capital: gênero, sexualidade e moda na cultura brasileira**. 2. ed. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2010. 199 p., il., 23 cm. ISBN 9788560166268.
- GOMES, Alan Macedo et al. **Moda Masculina: um conceito em ascensão**. 2013. 10 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Relações Públicas, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, Pr, 2013. Disponível em: <https://docplayer.com.br/44349076-Moda-masculina-um-conceito-em-ascensao-1.html>. Acesso em: 13 jul. 2022.
- HETERONORMATIVO. *In*: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2022. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/heteronormativo/>>. Acesso em: 23/05/2022.
- LERNER, Gerda. **A Criação do Patriarcado: História da opressão das mulheres pelos homens**. São Paulo: Cultrix, 2019.
- LIPOVETSKY, Gilles. **Agradar e Tocar: ensaio sobre a sociedade da sedução**. Barueri [Sp]: Edições 70, 2020. 476 p.
- LOPES, Patrícia. "Ato Falho"; Brasil Escola. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/psicologia/ato-falho.htm>>. Acesso em 08 de junho de 2022.
- PASSOS, Julia Machado. **Moda para corpos falantes: potencial desconstrução da heteronormatividade através da coleção coexistência**. Orientação de Jozimar Pelegrini. [S.l.: s.n.], 2019. [14] f., il. color. Inclui bibliografias. Disponível em: https://repositorio.ifsc.edu.br/bitstream/handle/123456789/1044/tcc.julia_machado_passos.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 11 jul. 2022.
- PELEGRINI, Jozimar. **TRANSVERSALIDADE EM PERFORMANCES DE GÊNERO NA MODA: REVISTA CANDY COMO TERRITÓRIO POTENCIALIZADOR**. 2015. 96 f. Dissertação (Doutorado) - Curso de Mestrado em Ciências da Linguagem, Unisul, Tubarão, 2015. Disponível em:

https://repositorio.animaeducacao.com.br/bitstream/ANIMA/3210/1/111290_Jozimar.pdf. Acesso em: 11 jul. 2022.

PORFÍRIO, Francisco. **Geração Z**. Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/geracao-z.htm>. Acesso em 11 de julho de 2022.

QUEIROZ, Mário. **O herói desmascarado: a imagem do homem na moda**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2010. 151 p., il. ISBN 9788560166206.

REIS, Daniele Fernandes. **BUTLER: POLÍTICA, PERFORMATIVIDADE E DESCONSTRUÇÃO DE GÊNERO**. 2014. 118 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-Graduação Stricto Sensu em Filosofia, Universidade São Judas Tadeu, São Paulo, 2014. Disponível em: https://www.usjt.br/biblioteca/mono_disser/mono_diss/2014/269.pdf. Acesso em: 30 maio 2022.

SALIH, Sara. **Judith Butler e a teoria queer**. Tradução de Guacira Lopes Louro. Belo Horizonte: Autêntica, 2013. 235 p. ISBN 9788565381383.

SENA, T. V.; CASTILHO, K. **Moda e Masculinidade: Breves apontamentos sobre o homem dos séculos XX e XXI**. Modapalavra e-periódico, Florianópolis, v. 4, n. 7, 2011. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/modapalavra/article/view/7911>. Acesso em: 13 jul. 2022.

SIGNO. *In*: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2022. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/signo/>>. Acesso em: 23/05/2022.

STATUS QUO. *In*: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2022. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/status-quo/>>. Acesso em: 30/05/2022.

ZAMBRINI, L. **Olhares sobre moda e design a partir de uma perspectiva de gênero**. dObra[s] – revista da Associação Brasileira de Estudos de Pesquisas em Moda, [S. l.], v. 9, n. 19, p. 53–61, 2016. DOI: 10.26563/dobras.v9i19.452. Disponível em: <https://dobras.emnuvens.com.br/dobras/article/view/452>. Acesso em: 13 jul. 2022.